



**Entrevista exclusiva concedida por escrito pelo Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, ao jornal alemão *Bild am Sonntag***

**Publicada em 03 de junho de 2007**

**Jornalista:** Senhor Presidente, o que o senhor espera da Cúpula do G-8 em Heiligendamm?

**Presidente:** Eu espero, acima de tudo, que seja uma oportunidade para os Chefes de Estado presentes aceitarem o desafio histórico de fazer dos problemas globais que nos cercam - mudança climática, financiamento do desenvolvimento, liberalização comercial, segurança energética, para citar alguns - uma ponte de convergência. O encontro de Heiligendamm oferece oportunidade excepcional para reforçar o sentido de confiança mútua indispensável para criarmos uma governança global verdadeiramente democrática e solidária.

**Jornalista:** O que é mais importante para o senhor no encontro?

**Presidente:** Em particular, espero que os principais líderes mundiais se lembrem de que a fome é talvez o maior e mais dramático reflexo desse desequilíbrio global. Quantos na Europa sabem, por exemplo, que o protecionismo agrícola dos países industrializados agrava o quadro de miséria e fome em várias partes do mundo? Se o comércio de produtos agrícolas fosse mais livre, todos ganhariam: os consumidores comprariam a melhor preço e os produtores teriam remuneração justa. Temos em Heiligendamm o desafio imediato de forjar o engajamento político global para vencer esse flagelo.

**Jornalista:** Qual a sua avaliação sobre os riscos da mudança do clima?



**Presidente:** Segundo os resultados do Painel Intergovernamental sobre Mudança Climática, essa já é uma realidade. Não há mais espaço para tergiversarmos. Não há tempo a perder, especialmente para os países mais pobres, particularmente vulneráveis às catástrofes climáticas. Afinal, eles não dispõem dos recursos para prevenir o impacto da quebra de safras, das inundações de terras aráveis, sem falar das pandemias associadas a deslocamentos anárquicos de refugiados em busca de alternativas de vida.

**Jornalista:** O que significa isso para os países industrializados?

**Presidente:** Por todas essas razões, é fundamental preservar-se o princípio das responsabilidades comuns, porém diferenciadas. É fundamental que os países industrializados, que são os que mais poluem - e isso há quase dois séculos - comprometam-se de maneira efetiva com medidas de controle e reversão desse quadro. Somente assim haverá real perspectiva de desenvolvimento sustentável para países mais pobres, mediante a incorporação de avanços tecnológicos, fomento do crescimento econômico e geração de empregos.

**Jornalista:** O Brasil dará apoio aos esforços europeus de proteger o clima pela via da redução das emissões de CO<sup>2</sup>?

**Presidente:** O Brasil é um dos países mais comprometidos com o regime internacional para combater a mudança do clima. A Convenção-Quadro da ONU sobre Mudança do Clima foi um dos mecanismos ambientais originados da Conferência sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento realizada no Rio de Janeiro em 92. Sempre tivemos uma atuação construtiva nos foros multilaterais sobre desenvolvimento sustentável e, particularmente, mudança do clima. O



Brasil teve uma atuação muito destacada, por exemplo, na criação do Mecanismo de Desenvolvimento Limpo, que é um importante recurso para controlar emissões globais de carbono.

**Jornalista:** O que significa isso para o futuro?

**Presidente:** Além disso, temos duas contribuições imediatas a oferecer aos países europeus. Em primeiro lugar, temos um projeto de incentivos positivos para reduzir as emissões de CO<sup>2</sup> decorrentes de desmatamento, ou seja, temos uma proposta simples, eficaz e de fácil monitoramento para que os países em desenvolvimento - não somente o Brasil - sejam apoiados em seus esforços de combater o desmatamento e, conseqüentemente, de reduzir a emissão de carbono. Além disso, temos inteira convicção de que o etanol é a melhor opção para assegurar diversificação e segurança energética de modo limpo e sustentável.